

ANÍSIO TEIXEIRA E A UNIVERSIDADE BRASILEIRA: A VIDA EM UM PERCURSO

Gilson Pôrto Jr

Anísio Teixeira não é desconhecido pela maioria dos educadores brasileiros. Antes, é motivo de saudade e constante repensar. Deixou-nos um legado educacional que deve ser revisitado e repensado, visto possuir elementos importantes na discussão de nossas necessidades atuais. Seus escritos – livros, artigos, discursos e pareceres – formam uma ampla biblioteca do pensamento pedagógico brasileiro.

Dentro dessa perspectiva, estaremos pensando Anísio dentro de três eixos principais: o primeiro, no início de suas atividades e o desenvolvimento de seu pensar; o segundo, sua participação na consolidação de um ideal universitário; o terceiro e último, algumas questões que parecem ser muito atuais em sua obra.

UM EDUCADOR E SEU PENSAR

Anísio era advogado de formação. Porém suas atividades o encaminharam para a área educacional, que por sinal deu contribuições vitais. Podemos imputar a Anísio Teixeira uma grande relevância no cenário educacional brasileiro. Anísio iniciou seus estudos pós-graduados nos Estados Unidos, ocasião em que entrou em contato com a corrente pragmatista que se desenvolvia em vários países, principalmente na pessoa do pedagogo e filósofo John Dewey (1859-1952).

Dewey vinha desenvolvendo desde os idos de 1890 trabalhos relacionados à mudança social que o mundo vinha passando. Apontava a fissura causada pela “era da máquina” ao cenário social e familiar. Em seus pensamentos figuravam a ideia de uma escola como microcosmo¹, reflexo da sociedade, porém unificadora das divisões. Desenvolvia aqui as bases para uma teoria sócio-educacional e holística.

Não só Dewey vinha desenvolvendo essas ideias: os últimos anos do século XIX e os primeiros vinte anos do século XX são férteis nas visões educacionais reformistas. Podemos apontar marcos educacionais importantes, que certamente não passaram despercebidas da visão ampla de Anísio e de outros educadores, tais como a criação da Associação para a Psicologia da Criança (Verein Für Kinderspsychologie) em Berlim; os trabalhos de William James (1842-1910) com suas Palestras pedagógicas e contribuições para o pragmatismo; os trabalhos de Freud com sua Ciência dos Sonhos e Dora; Ellen Key com A Criança do Século; Kropotkin (1842-1921) com Campos, fábricas e oficinas e suas ideias sobre solidariedade, justiça e moral; a fundação da primeira Escola Moderna por Francisco Ferrer; Lay com a Didática experimental; a fundação da “Maison des enfants” em Roma por Maria Montessori; a fundação da École de l’Hermitage por Decroly em Bruxelas e da “Landerziehungsheim” de Holf-Oberkurch por Töbner na Suíça; a fundação da escola Ferrer em Lausanne; Meumann com suas Lições para a introdução a Pedagogia experimental (1911-1915); Otto com a escola do futuro na Alemanha; Claparède e Bovet com Maison des Petits na Suíça; A escola ativa de Ferrière e o início da experiência de Freinet em Bar-sur-Loup, para apenas citarmos a riqueza deste período.

E foi também, influenciado por essas visões então emergentes, que Anísio Teixeira viu a necessidade de uma teoria educacional indissociável de um saber prático. Anísio passa a assumir uma posição filosófico-educacional firmada no pensamento de John Dewey, do qual torna-se discípulo.

Anísio desenvolve a visão de que o ambiente social é fundamental na escola e que, como a família já não educava como no

1 Dewey desenvolve esta idéia em seu livro Escola e Sociedade (1899).

passado, a instituição 'escola' deveria ter tal posição, diagnosticando e aplicando os meios curativos necessários. Por tal posicionamento revolucionário foi acusado de socialista, o que para uma sociedade desinformada como era a brasileira da época, colocava-o numa posição de semiostracismo. Em seu livro Educação não é privilégio, Anísio defendeu a concepção de escola pública universal e gratuita:

A escola pública universal e gratuita não é doutrina especificamente socialista, como não é socialista a doutrina dos sindicatos e do direito organizacional dos trabalhadores; antes são estes os pontos fundamentais por que se afirmou e possivelmente ainda se afirma a viabilidade do capitalismo ou o remédio e o freio para os desvios que o tornariam intolerável¹.

As ideias de universalidade e gratuidade da escola eram bandeiras de Anísio Teixeira, porém não somente dele. O próprio ideal positivista republicano de "ordem e progresso" eram palavras-chave que se fundiam com universalidade e gratuidade. Era uma utopia? Sim, mas uma utopia realizável e digna de ser desenvolvida.

Anísio era um sonhador: pensava em educação como um processo capaz de restaurar e quebrar as diferenças tão impregnadas na sociedade de seu tempo e, envolvido no pragmatismo deweyano, achava que a escola poderia ser este instrumento.

Idealizava a educação e a escola em pelo menos cinco aspectos:

A EDUCAÇÃO É UM DIREITO

Anísio considerava a educação como um bem que não poderia ser negado, fazendo parte da formação do ser humano, de fato, um direito. Formula uma teoria democrática de educação comum, que seria pública e, em seu livro Educação é um direito², apresentou um plano para a estruturação e o financiamento dos sistemas estaduais de ensino, fundamentando-os em sua experiência quando Secretário de Educação e Saúde da Bahia.

A EDUCAÇÃO NÃO É UM PRIVILÉGIO

Para Anísio, a educação era dever e baseada numa consciência fundante:

A consciência da necessidade da escola, tão difícil de criar em outras épocas, chegou-nos, assim, de imprevisto, total e sôfrega, a exigir, a impor a ampliação das facilidades escolares. Não podemos ludibriar essa consciência. O dever do governo - dever democrático, dever constitucional, dever imprescindível - é o de oferecer ao brasileiro uma escola primária capaz de lhe dar a formação fundamental indispensável ao seu trabalho comum, uma escola média capaz de atender à variedade de suas aptidões e das ocupações diversificadas de nível médio, e uma escola superior capaz de lhe dar a mais alta cultura e, ao mesmo tempo, a mais delicada especialização. Todos sabemos quanto estamos longe dessas metas, mas o desafio do desenvolvimento brasileiro é o de atingi-las, no mais curto prazo possível, sob pena de perecermos ao peso do nosso próprio progresso³

A EDUCAÇÃO DE BASE DEVE SER GERAL E HUMANISTA

Para Anísio a educação envolvia a participação da sociedade e dos movimentos que nela ocorrem, daí a necessidade de ser geral. Anísio (1969) afirmava:

... a educação formal é parte do contexto cultural da sociedade, atuando como expressão de sua continuidade e desenvolvimento. Quando a sociedade, sempre de algum modo em mudança, ou evolução, sofre uma intensificação ou aceleração desse processo, o fator de educação, refletindo a mudança, atua como força de resistência ou de renovação, concorrendo para dificultar ou facilitar o processo de readaptação social inerente à função característica da educação dentro do processo cultural.⁴

A ESCOLA PÚBLICA É A MÁQUINA QUE PREPARA A DEMOCRACIA

Referindo-se a escola pública, Anísio aponta-a como mecanismo necessário, porém reconhece os problemas existentes na máquina 'ideal' em vista do 'real':

1 TEIXEIRA, Anísio. Educação não é privilégio. 4ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1977, p.55.

2 TEIXEIRA, Anísio. Educação é um direito. 2ªed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

3 TEIXEIRA, Anísio. Educação não é privilégio. op.cit, p.33.

4 TEIXEIRA, Anísio. Educação no Brasil. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1969.

Proclamamos a compulsoriedade da escola. Deixamo-la a cargo dos Estados, o que foi sábio. Mas não a procuramos enraizar na comunidade local. Os municípios ficaram com uma competência supletiva. Pobres e sem recursos criaram uma escola marginal. E a situação, hoje, é a que se vê. Escolas estaduais administradas à distância, não de todo más, alienadas, porém, do espírito local e dependentes em tudo e por tudo do poder central do Estado. Enquanto as escolas eram poucas, o Estado ainda lhes dava a devida atenção. Com o crescimento do sistema escolar e a expansão das demais obrigações do Estado, vem-se tornando, cada vez mais difícil, ao Estado, administrar a sua escola. Ante o imediatismo de certas necessidades materiais do progresso geral de cada unidade, a escola vem sendo relegada no plano geral de govêrno e, por outro lado, o tipo de centralização administrativa excessivamente compacto estabelecido pelos governos estaduais impede a atenção individual às escolas, o que leva a administrá-las como se fôsem unidades de um exército uniforme e homogêneo, espalhado por todo o território.¹

O PROFESSOR TEM DE SER CAPACITADO DEMOCRATICAMENTE

Anísio encarava a formação do docente e sua constante (re)capacitação como algo vital. Em reportagem afirmou:

O magistério constitui uma das profissões em que a formação nunca se encerra, devendo o professor, terminado o curso regular, continuar pela prática e tirocínio o seu desenvolvimento... Hoje, além dessa prática e dêsse tirocínio... procura-se dar ao professor estágios, cursos e seminários destinados a apressar e sistematizar as conquistas que sômente uma muito longa prática, e aos mais capazes, poderia dar. É o chamado "training in service", educação no cargo em expansão em tôdas as profissões de natureza, simultâneamente científica e artística.²

Esses eram alguns dos muitos ideais que tanto fizeram de Anísio um educador admirado como odiado por seus opositores, entre estes os defensores da escola particular e da educação religiosa. Anísio passa a ser um dos líderes intelectuais no movimento de luta em defesa da escola pública e laica e, com o início dos trabalhos para a elaboração da LDB (futura Lei 4024/61), transformou-se no principal opositor de Dom Hélder e Carlos Lacerda, representantes da esfera católica privatista, que queriam entregar os recursos públicos às escolas privadas.

Durante esse período, Anísio Teixeira provocou, por sua atitude de defesa da escola pública, gratuita, universal e laica, uma campanha de oposição ativa contra suas atividades. VILLALOBOS (1969:84) retrata estes momentos entre a disputa ferrenha do laicismo contra a religiosidade, do público contra o particular, do renovador contra o conservador:

O apelo de Gustavo Corção obteve pronta resposta. Em abril de 1958, manifestava-se a hierarquia católica, mediante dois documentos organizados por bispos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais. Em memorial endereçado ao presidente da República, o arcebispo D. Vicente Scherer e os bispos da Província Eclesiástica de Porto Alegre denunciavam Anísio Teixeira como representante, entre nós, do socialismo militante, por esperar da escola pública ou comum "tão ardentemente" por ele preconizada, "os mesmos resultados pré-revolucionários, previstos com ansiosa expectativa, pela doutrina socialista.

Acusado de socialista – "representante, entre nós, do socialismo militante" – o que na época significava incluí-lo entre aqueles que não eram bem vistos e, que de certa forma eram considerados pela sociedade brasileira – pelo menos no imaginário da época – uma ameaça aos padrões de moral, decência e bons costumes. Mas Anísio não se deixou abater pelas constantes injúrias e conflitos. Continuou a defender a necessidade de uma escola única, pública.

Anísio Teixeira foi o representante de um movimento por meio do qual as lideranças políticas executivas procuraram estabelecer a ponte entre ciência e política. Segundo Xavier (2000) em estudo intitulado "Reformar a escola, modernizar a cultura: Anísio Teixeira e a Educação Republicana",

[Abriu-se] espaço para a participação dos intelectuais na burocracia estatal, estabelecendo o comprometimento deles com as formulações da esfera política e, ao mesmo tempo, condicionando a legitimação da política à validação dos cientistas.³

E nisto Anísio destaca-se, pois à frente da CAPES, deixou claro as deficiências verificadas nos diferentes níveis de ensino (primário, secundário geral e profissional, e superior), fazendo comparações com outros países, notadamente com os Estados Unidos, o que gerou afirmações de que era americanófilo.

A importância de Anísio Teixeira na CAPES, foi bem retratada por CÓRDOVA (2000:32):

1 TEIXEIRA, Anísio. O ensino cabe à sociedade. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.31, n.74, 1959. p.290-298.

2 TEIXEIRA, Anísio. Curso, estágio e seminário para formação do professor. Entrevista. Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 20 abr.1958.

3 XAVIER, Libânia Nacif. Reformar a escola, modernizar a cultura: Anísio Teixeira e a Educação Republicana in PORTO JR, Gilson e CUNHA, José Luiz (Orgs.) Anísio Teixeira e a Escola Pública. Pelotas, RS: Editora da UFPel, 2000, 39-57.

Depoimentos de pessoas como o Dr. Almir de Castro indicam ter a CAPES se transformado num núcleo de pensamento e de formulação de projetos: por ela, e em torno de Anísio, circulavam as pessoas bem informadas e ela se constituiu numa espécie de “centro de formação” de gestores da política educacional, ainda que informalmente. Nela se pensou o Conselho Federal de Educação e sua composição final, nela se pensou o projeto da Universidade de Brasília, constando, inclusive, entre suas realizações, o auxílio para a realização de um seminário destinado a discutir esse projeto. À frente de tudo, sempre, duas figuras: Anísio Teixeira, a grande figura do conceitualizador, e associado a ele a imprescindível figura de Almir de Castro, o grande executivo. A continuidade da CAPES e de seus programas nesse período se deve a essa dupla, sempre habilidosa e inspirada, que procurou, conforme ainda o depoimento do Dr. Almir, cultivar “boas relações” e associar-se a “bons nomes”. De um lado, eram ambos baianos e se relacionavam bem com os ministros que se sucederam, em bom número também baianos. Por outra parte, sabiam se articular politicamente, mantinham-se discretos, sem dar ao órgão peso econômico orçamentário muito grande, o que, confidenciou Dr. Almir, contribuía para “não despertar a cobiça dos políticos.

A CONSOLIDAÇÃO DE UMA IDEAL UNIVERSITÁRIO

O pensamento de Anísio Teixeira não permaneceu apenas na escola pública primária e secundária, foi mais à frente do seu tempo e incluiu também a universidade. Ele mesmo sentira a precariedade do sistema universitário apesar do aparente desenvolvimento de projeto educacional republicano, no qual se ensaiaram algumas iniciativas de Universidades no Brasil.

A título de exemplo, podemos citar: em 1892, José Francisco da Rocha Pombo teve a ideia de fundar uma universidade na capital do Paraná, porém a ideia ficou apenas na pedra fundamental; ainda nesse ano, Pedro Américo apresentou em 29 de agosto na Câmara dos Deputados a criação de três universidades, sendo uma no Rio de Janeiro (DF), uma em São Paulo (SP) e uma no norte do Brasil (Bahia, Pernambuco ou Pará); em 1895, os deputados Eduardo Ramos e Paulino de Souza Filho apresentaram à Câmara dos Deputados, o projeto nº 91 de criação de uma universidade na capital da República composta de quatro faculdades: direito, medicina, ciências naturais e matemáticas e de letras; em 1896, Francisco Glycerio apresentou projeto de lei transferindo a diferentes estados e associações civis os institutos de instrução superior para a administração estadual; em 1900, Elysio de Carvalho, tentou fundar a Universidade Popular; em 1903, Gastão da Cunha, através do projeto nº 157, criou cinco universidades nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Recife e de Belo Horizonte. Este projeto era de autoria do prof. Azevedo Sodré, catedrático da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; em 1904, Rodrigues Lapa (Lima?) propôs através do projeto nº 147, a criação da Universidade do Rio de Janeiro, que seria constituída de quatro unidades (Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina, Faculdade de Filosofia e Letras, Faculdade de Ciências Matemáticas, Físicas e Naturais); Ainda em 1904, o deputado Sátyro Dias apresentou aditivo ao projeto nº 157, de Azevedo Sodré, porém não teve andamento; em 1908 a câmara dos deputados aprovou o projeto nº 242, de Virgílio Damásio, que autorizava uma reforma no ensino secundário e superior e que criava na cidade do Rio de Janeiro uma universidade pela justaposição das Faculdades de Direito, Medicina, Ciências e Letras e da Escola Politécnica (este projeto foi arquivado dois anos depois); ainda em 1908, Érico Marinho da Gama Coelho, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro apresentou projeto que criava cinco Universidades em Pernambuco, Minas Gerais, Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro, porém não teve andamento; em 1912, apoiando-se na Lei Rivadávia, fundou-se a Universidade do Paraná, com cinco faculdades (Direito, Engenharia, Odontologia, Farmácia e Comércio), que em 1915 foi fechada, sendo somente reaberta em 1946; em 1915 a Reforma Maximiliano autorizou a criação de uma Universidade, mas nenhuma providência foi tomada para implantá-la. Subitamente, em 1920, o decreto nº 11.530, apresentado por Carlos Maximiliano Pereira dos Santos declarou instituída a Universidade do Rio de Janeiro, com a justaposição da Escola Politécnica à Faculdade de Medicina, e a incorporação concomitante das duas faculdades livres de Direito¹.

Com a Revolução de 1930, Getúlio Vargas inicia seu governo. Pedro Ernesto do Rego Batista foi indicado como interventor no Distrito Federal em 1931. Tinha uma mentalidade administrativa dirigida principalmente para melhoria dos serviços de saúde e educação. Nesse aspecto, vislumbrou o Rio de Janeiro como um possível polo de cultura que seria responsável pela transferência da cultura para outros estados.

Anísio foi convidado por Pedro Ernesto para assumir a direção do Departamento de Educação do Distrito Federal (RJ). O convite foi feito pelo indicação do jurista Temístocles Cavalcanti, que conhecia Anísio como defensor de uma escola para todos.

Dentre as várias modificações implantadas por Anísio, pode-se destacar: uma campanha de expansão e modernização do sistema escolar no nível primário e médio; elevou todo o ensino técnico-profissional (que antes era destinado ao filho do trabalhador-operário) ao nível do secundário (que era anteriormente reservado para aqueles que continuariam seus estudos em nível superior); criou o Instituto de Educação como modelo contando com todos os níveis de ensino – desde jardim de infância, escola

1 Sobre estas iniciativas, ver TOBIAS, José Antônio. História da Educação Brasileira. São Paulo: Ed. Juriscredi, S.D., p.229-233 e LOBO, Francisco Bruno. Uma Universidade no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1969.

primária experimental, curso ginásial, o curso profissional e níveis superiores.

Apesar das pressões políticas contrárias, Pedro Ernesto mantém Anísio na direção da instrução pública. Nas eleições de 1934, Pedro Ernesto conseguiu o apoio popular e foi eleito – o primeiro prefeito eleito do Distrito Federal.

Anísio, ciente das deficiências planeja uma universidade. Com o apoio de Pedro Ernesto, criam a Universidade do Distrito Federal (UDF)¹ por meio decreto nº 5.513 de 4 de abril de 1935. Como não poderia deixar de ser a “intelligentsia educacional” brasileira estava presente. Afrânio Peixoto foi convidado para ser o reitor; Lourenço Filho foi convidado para ser o diretor da Escola de Educação; Roberto Marinho de Azevedo foi o diretor da Escola de Ciências; Hermes Lima o diretor da Escola de Economia e Direito; Edgardo Castro Rebello o diretor da Escola de Filosofia e Letras e Celso Octávio do Prado Kelly como diretor do Instituto de Artes.

A Inauguração da UDF aconteceu em 31 de julho de 1935. Segundo Anísio Teixeira, então Diretor do Departamento de Educação do Distrito Federal, em seu discurso² de inauguração, referiu-se à universidade:

(...) é, pois, na sociedade moderna, uma das instituições características e indispensáveis, sem a qual não chega a existir um povo. Aquêles que não as têm, também não têm existência autônoma, vivendo, tão-sòmente, como um reflexo dos demais. Com efeito, a história de todos os países que floresceram e se desenvolveram é a história da sua cultura e a história da sua cultura é, hoje, a história das suas universidades.

Anísio apontava a importância da universidade: seria o centro da própria existência de um povo. Tão significativa e inovadora era esta visão – própria da filosofia educacional de Anísio – que este podia afirmar que ‘a história da cultura de um povo era a história das suas universidades’. Não é sem motivo que posteriormente em artigo publicado, Anísio aponte 4 funções da universidade, a saber, “formação profissional, alargamento da mente humana, desenvolvimento do saber humano e transmissão de uma cultura comum”³.

Anísio mostrou uma verdadeira paixão pela universidade e, acrescentou que “são as universidades que fazem, hoje, com efeito, a vida marchar. Nada as substitui. Nada as dispensa. Nenhuma outra instituição é tão assombrosamente útil.” (1962:2)

A UDF foi extinta em 1938 por perseguição política, em razão de questões provenientes da disputa com católicos privatistas – que se sentiram ameaçados na dominância dos estabelecimentos escolares de elite que até então dirigiam e tornavam seu campo de formação – próprio de um governo autoritário.

Anísio não era homem de deixar seus pensamentos para trás. Sonhou uma universidade, porém foi sufocada. Esse sonho não seria esquecido e, retorna ao pensamento da educação superior: junta-se a Darcy Ribeiro e a outros intelectuais brasileiros e, no governo de Juscelino Kubitschek, criam uma universidade modelo – a Universidade de Brasília (UnB). RIBEIRO (1995) relembra esse período:

Seguiram-se anos de trabalho alegre e fecundo, centrado principalmente no planejamento do sistema educacional que se iria implantar na nova capital – Escolas-parque e Escolas-classe. Inclusive e principalmente a criação da Universidade de Brasília, cuja concepção interessou vivamente a toda a inteligência brasileira, especialmente à comunidade científica. Anísio e eu discutíamos sem parar, quase sempre concordamos, mas às vezes discordávamos. Isto foi o que ocorreu, por exemplo, quando Anísio se fixou na idéia de que a UnB só devia ter cursos de pós-graduação. Afinal, concordou comigo e com o nosso grupo acadêmico, que era indispensável um corpo estudantil de base, sobre qual os sábios se exercessem, fecundamente, cultivando os mais talentosos para que eles próprios se multiplicassem. Mas a preocupação de Anísio com a pós-graduação frutificou e foi na UnB, que se institucionalizou o 4º nível, como procedimento orgânico da universidade brasileira.⁴

A Universidade de Brasília foi criada pela lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961. Desde a sua criação, a Universidade de Brasília (UnB) teve uma missão social muito forte, baseada nos princípios de gratuidade e igualdade. Estava na frente das expectativas educacionais e destacava-se como um modelo para as demais. Segundo Cunha e Góes,

As novidades da Universidade de Brasília, de caráter estritamente organizacional e pedagógico, fizeram com que sobre ela recaíssem as iras dos reitores das universidades arcaicas, que se sentiam ameaçadas no conforto de seu poder pelos ventos da renovação que sopravam no ensino superior.⁵

1 Para mais detalhes ver PÔRTO Jr, Gilson. A Universidade do Distrito Federal (UDF): Um Retrospecto em PÔRTO Jr, Gilson (Org.) Anísio Teixeira e o Ensino Superior. Brasília, DF: Editora Bárbara Bela, 2001.

2 Publicado em TEIXEIRA, Anísio. Notas para a história da educação. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.37, n.85, jan./mar. 1962. p.181-188.

3 TEIXEIRA, Anísio. Funções da universidade. Boletim Informativo CAPES. Rio de Janeiro, n.135, Fev. 1964. p.1-2.

4 RIBEIRO, Darcy. A Invenção da Universidade de Brasília 1961-1995. Cartas: falas, reflexões, memórias. Brasília: Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, 1995, p.35,36.

5 CUNHA, Luiz Antônio e GÓES, Moacyr de. O Golpe na Educação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p.81

Darcy Ribeiro, comentando a necessidade da criação, destacou:

Trata-se de escolher entre deixar que surja em Brasília, espontaneamente, uma série de escolas superiores precárias como as que se vêm multiplicando por todo o país que em breve se aglutinariam em mais uma universidade inviável, ou aproveitar a oportunidade para, com os mesmos recursos, provavelmente até com maior economia, dotar o país de uma universidade moderna, estruturada nos moldes que vêm sendo recomendados pelos nossos mais capazes professores e pesquisadores. A inevitabilidade da criação de estabelecimentos de ensino superior em Brasília está evidente, também, no fato de que já tramitam no Congresso projetos de criação de duas faculdades, uma de Direito, outra de Economia, modeladas segundo nossa tradição de improvisar escolas e professores.¹

Segundo pode-se ver nas palavras de Ribeiro, não se pretendia ter uma universidade surgida pelo acaso, deveria ser pensada, estruturada em moldes e contornos pré-estabelecidos que refletissem os anseios da comunidade brasiliense que se formava e que influenciaria a vida nacional. A UnB surgiu nesse contexto diferenciado, tendo como funções:

- a) Ampliar as exíguas oportunidades de educação oferecidas à juventude brasileira.
- b) Diversificar as modalidades de formação científica e tecnológica atualmente ministradas, instituindo as novas orientações técnico-profissionais que o incremento da produção, a expansão dos serviços e das atividades intelectuais estariam a exigir.
- c) Contribuir para que Brasília exercesse, efetivamente, a função integradora que se propusera assumir, pela criação de um núcleo de ensino superior aberto aos jovens de todo o país e a uma parcela da juventude da América Latina e de um centro de pesquisas científicas e de estudos de alto padrão.
- d) Assegurar a Brasília a categoria intelectual que ela precisaria ter como Capital do país, tornando-a, prontamente, capaz de imprimir caráter renovador aos empreendimentos que deverá projetar e executar.
- e) Garantir à nova capital a capacidade de interagir com os nossos principais centros culturais, para ensejar o pleno desenvolvimento das ciências, das letras e das artes em todo o Brasil.
- f) Facilitar aos poderes públicos, o assessoramento de que careceria em todos os ramos do saber, o que somente uma universidade poderia prover.
- g) Dar à população de Brasília perspectiva cultural que a liberte do grave risco de fazer-se medíocre e provinciana, no cenário urbanístico e arquitetônico mais moderno do mundo.

Nas palavras do então Presidente da República, João Goulart, a UnB:

Não se tratava apenas de acrescentar uma universidade mais às que já temos... O desafio... era o de conceber e planejar uma universidade modelada em bases novas que, para todas as demais, constituísse um estímulo e complemento... Planejada à luz da experiência nacional e internacional. Destinada a cumprir funções específicas de assessoramento aos poderes públicos em todos os campos de saber.

A Universidade de Brasília foi pensada

(...) desde o seu primeiro momento, como um órgão de assessoramento público revestido de duas características fundamentais. Por um lado, a alta qualificação científica e, por outro lado, a completa liberdade docente e a perfeita autonomia acadêmica. Ela não poderia, por isto, ter nenhuma hierarquização interna que não fosse a dos títulos e graus acadêmicos, nem sofrer qualquer sujeição externa que coagisse seu auto-governo. Este é um imperativo inelutável para a universidade, porque, por mais sábios que sejam os seus sábios, se estes sábios tiverem uma corrente amarrada nos pés, se estes sábios estiverem com medo, mal servirão como professores, mal servirão absolutamente como assessores livre, e menos ainda para o exercício da função crucial de consciência crítica da Nação.

Isto estava bem dentro dos princípios tão proclamados por Anísio Teixeira e por outros na visão de “liberdade”. Em seu livro *A Educação e a Crise Brasileira* (1956), Anísio defende a Universidade e a liberdade que essa deveria ter. Ao recapitular a tradição de liberdade e razão da Grécia em seu período clássico, Anísio proclama:

Somente quando as instituições do saber estão com a sua independência salvaguardada e a livre circulação desse saber assegura a conduta deliberada e refletida dos homens e a crítica e revisão constante de suas leis e instituições, é que teremos um regime de liberdade, como a concebeu a inteligência

1 RIBEIRO, Darcy. Universidade de Brasília. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. v.36, n.83, jul./set. 1961. p.161-230.

humana naquele minuto de esplendor em que teve, na Grécia, a revelação do seu poder não só de contemplar o mundo, mas de transformá-lo...

E que as universidades não serão o que devem ser se não cultivarem a consciência da independência do saber e se não souberem que a supremacia do saber, graças a essa independência, é levar a um novo saber. E para isto precisam de viver em uma atmosfera de autonomia e estímulos vigorosos de experimentação, ensaio e renovação. Não é por simples acidente que as universidades se constituem em comunidades de mestres e discípulos, casando a experiência de uns com o ardor e a mocidade dos outros.

Em vista do apego aos princípios escolanovistas, não se poderia esperar que seus administradores tivessem uma mentalidade outra; o reitor escolhido para a Universidade de Brasília foi o professor Darcy Ribeiro que assumiu o cargo em 5 de Janeiro de 1962, contando com um quadro capacitado e com uma extrema visão do papel que a Universidade de Brasília deveria ter.

Compunham o Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília: Anísio Teixeira, na época do Conselho Federal de Educação e no INEP, Hermes Lima do Conselho Federal de Educação, Abgar Renault do Conselho Federal de Educação, Oswaldo Trigueiro então Ministro do STE, Frei Mateus Rocha, Provincial da Ordem Dominicana no Brasil, Alcides da Rocha Miranda, Presidente da Fundação Cultural de Brasília e João Moojen de Oliveira, Secretário de Agricultura do Distrito Federal¹.

O professor Darcy Ribeiro afastou-se em 19 de setembro de 1962², assumindo Frei Mateus Rocha até 24 de Janeiro de 1963, quando o professor Darcy retorna ao cargo, que deixaria novamente em 19 de junho de 1963.

Anísio Teixeira assume a Presidência do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília³, sendo o 3º reitor da UnB, cargo que ocupou até 13 de abril de 1964, quando todos os membros do Conselho Diretor são exonerados. Para vice-reitor foi indicado o professor Edgar Albuquerque Graeff⁴, que declina da indicação. Posteriormente assume esse cargo o professor Dr. Almir Godofredo de Almeida e Castro⁵ que anteriormente tinha trabalhado no INEP.

Ao assumir o cargo, Anísio deixou claro o seu papel e suas pretensões à frente da UnB:

-Estou plenamente identificado com a idéia, com o plano e com o período de realização em que a Universidade de Brasília já se acha. Começamos o nosso trabalho com o sentimento de que o Professor Darcy Ribeiro é um homem absolutamente insubstituível na Reitoria da Universidade de Brasília. O que pretendemos fazer é não diminuir a sua obra criadora, mas ajudá-la, no período em que aqui permanecemos.... Desejo que esse meu período de administração não seja uma pausa, mas uma contribuição de continuidade a obra de Darcy Ribeiro.... Meu esquema de trabalho, falando de modo geral (pois ainda terei um encontro com os professores, daqui a instantes, quando ventilaremos os assuntos de imediato interesse), poderia ser englobado no seguinte:

- A construção da Universidade. Que essa construção continue em sua marcha acelerada, e que o ano de 1964 já nos encontre com um proveitoso progresso, inclusive no que se refere à urbanização de toda a área da Cidade Universitária, do "campus", como dizemos aqui:
- Estabelecer um profundo entrosamento com o campo da administração propriamente dita, hoje entregue ao dedicado Doutor Bichat Rodrigues:
- Acelerar a dinamização da atividade acadêmica.

Anísio reconhecia as dificuldades que enfrentaria, não só devido a sua formação e princípios, mas às próprias condições da época:

Mas, ao mesmo tempo, no que se refere ao assunto que nos interessa no momento, o sistema escolar, por exemplo, pode ser implantado com inovações muito dificilmente realizáveis em outros centros urbanos, onde certos conceitos já estão cristalizados, onde muitas vezes a mentalidade reinante é impermeável às inovações.

1 Conforme citado em TODOROV, Maria Sílvia Ribeiro. UnB: Evolução da Estrutura Acadêmica do Plano Orientador ao Estatuto de 1993. Brasília: CEDOC/UnB, 1993.

2 Segundo RIBEIRO, Darcy em A Invenção da Universidade de Brasília: 1961-1995, editado na revista Carta: falas, reflexões, memórias/Brasília: Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, 1995, p.36: "A UnB floresceu, capacitando-se rapidamente para dominar o saber humano e colocá-lo a serviço do diagnóstico das causas de nosso atraso e da busca das melhores soluções para o desenvolvimento autônomo do Brasil. Anísio e eu a conduzimos, felizes e orgulhosos, com a ajuda de Frei Mateus. Eu, às vezes, de longe, porque fora chamado ao cargo de Ministro da Educação, e depois, de Chefe da Casa Civil da Presidência".

3 Ver documentação CEDOC: Atas da 15ª a 20ª Reunião do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília, 1963 na qual consta a ata de eleição de Anísio Teixeira.

TODOROV, op. cit., p.11.

4 Conforme Ata da 19ª Reunião Ordinária do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília de 14.10.1963.

5 Conforme Ata da 21ª Reunião Ordinária do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília de 13.01.1964 e Resolução do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília nº 55/64.

À frente da UnB, não deixou que 'a mentalidade reinante' deixasse esfriar seu ânimo e vigor em busca de uma educação mais igualitária, gratuita e laica. Passou a por em prática a proclamação que fez em janeiro de 1963, quando apontou aquele ano como o 'Ano da Educação':

O programa que... esboçou o Presidente conta com recursos - primeiro sinal de sua seriedade - e obedece a um planejamento e a certa sistematização. Não vai realizá-lo só o governo federal, mas todos os governos estaduais e todos os municipais...E a grande operação não é da simples expansão das escolas, mas a do seu aperfeiçoamento e de sua expansão, após melhorar-lhe a qualidade.... Dos muitos aspectos do novo plano nacional de educação, quero assim, acima de todos, sublinhar êste. O plano trienal para que nos convocou o Presidente da República não é, pois, mais uma panacéia educacional, mas o esforço total da nação para implantar um sistema educacional que nos emancipe e forme o nacional como se formaria o imigrante de que antes podíamos depender. A escola brasileira terá de ser uma escola que em nada se envergonhe das escolas dos países desenvolvidos. É assim que a queremos - nós, das classes privilegiadas - para os nossos filhos. É assim que a devemos desejar para o povo brasileiro.

E assim também fora sonhada a UnB: como cultivadora de talentos, inovadora em seus aspectos acadêmicos e pedagógicos, moderna em suas concepções e, acima de tudo, composta por educadores que incentivavam um espírito crítico – aliás, marca deste período.

Mesmo com vistas a promissores dias para a educação, as transformações econômicas, sociais e políticas instáveis levaram a uma mudança drástica da ordem estabelecida. A renúncia de Jânio Quadros, a posterior parlamentarização do Brasil e o desenvolvimentismo sindical de João Goulart, geraram uma crise nacional que desencadeou as insatisfações de facções militares, culminando no chamado Golpe de 64. Na visão de Roberto Campos, o Golpe Militar de 1964 foi resultado de "(...) uma crise sistêmica. Uma perda de eficiência e um colapso da disciplina, seja sindical, seja militar. Marchávamos para uma situação caótica.

Por que se tornaram tão instáveis aqueles dias? Esta é uma questão que muitos historiadores se fazem. Para muitos seriam piores do que a Ditadura do Estado Novo. Na concepção de Buffa e Nosella (1991): "A repressão de 1964, diferentemente da de 1935-37, surpreende os educadores no momento em que seu debate teórico-crítico e revolucionário ampliara-se enormemente.

Ficou evidente a posição de seus idealizadores, incluindo Anísio Teixeira que não se dobrariam aos ditames militares. Nas palavras de Ribeiro (1995):

É explicável, por conseguinte, a animosidade que provocamos. Aquela universidade, nascida do otimismo da era de Juscelino, do reformismo da era Jango e do utopismo dos melhores cientistas brasileiros – que podendo antever o Brasil que pode ser, desesperam-se com o Brasil que é – não era compatível com nenhuma ordem ditatorial de objetivos antinacionais e antipopulares. A verdade inteira é que a UnB não era domesticável por nenhum sistema regressivo e repressivo. O contexto político que corresponde a ela, como atmosfera em que pode respirar e viver é o da democracia. Isto porque só em liberdade ela poderia e poderá dedicar-se ao povo brasileiro com a capacidade de servi-lo não no que ele é – ou fizeram dele –, mas no que há de ser, por sua própria vontade e esforço.

Em 9 de Abril de 1964 o Comando Supremo da Revolução baixou o Ato Institucional nº 1, que concentrava poderes no governo (exclusivo poder de decretar estado de sítio e de apresentar emendas), impunha punições a civis (suspensão de poderes políticos por dez anos e cassação de mandatos de parlamentares, bem como suspensão por seis meses as garantias constitucionais de estabilidade dos servidores públicos) e militares considerados subversivos. De posse desse 'ato jurídico legal' invadiram, com suas forças militares as instalações da Universidade de Brasília no mesmo dia. Nenhuma pessoa pôde entrar ou sair das dependências da Universidade, sendo os professores presos. Nas recordações do professor Darcy Ribeiro ficou claro o sofrimento pelos quais passaram professores e funcionários:

Quando, amanhã, o Brasil – e dentro dele a Universidade de Brasília – conquistar a alforria para retomar o comando de seus próprios destinos, precisaremos recordar estes dias trágicos da travessia do túnel da iniquidade. Entre eles, principalmente, o da invasão de 1964, em que, depois de assaltada por tropas motorizadas, a UnB teve diversos professores presos levados a um pátio militar para serem ali desnudados e assim humilhados por toda uma tarde. Este quadro de um magote de professores gordos e magros, velhuscos, uns secos de carnes, outros barrigudos, esqueléticos, dois deles enfermos, todos nus num pátio policial não deve ser esquecido jamais: é o dia da vergonha.

Em 13 de abril de 1964 Anísio, bem como todos os membros do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília, foram exonerados e foi nomeado para o cargo o reitor pró-tempore Zeferino Vaz.

No curto período em que Anísio Teixeira comandou efetivamente a Universidade de Brasília (UnB), podemos ver estampado o sonho de uma universidade que poderia dar educação de fato a todas as classes independentemente de seu 'status' social. Manteve-se numa linha de atuação progressista, porém sem nunca perder de vista os ideais que tanto fizeram de sua vida uma ligação permanente com a educação: os ideais do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Estava atento às modificações pelas quais passava a sociedade de seu tempo e queria uma universidade que também estivesse.

Anísio não era domesticável, mas atuante. Sonhou e concretizou uma universidade sólida e representante de valores sociais ligados à gratuidade e ao laicismo. Quando a universidade viu-se submetida, não se submeteu, o que lhe custou sua estabilidade e posição. Quando a universidade foi silenciada, não se calou mas continuou a 'gritar' sua posição e princípios por meio de seus escritos.

Quando os militares, que se consideravam os donos do poder (e naquele momento estavam realmente sendo) conceberam uma universidade servil, podemos imaginar a rejeição de todos àqueles que tinham os mesmos ideais de Anísio e Darcy: estes tinham gerado uma ideia e, esta ideia era agora uma realidade – a UnB não aceitaria ser castrada.

Frente à altivez do professorado da UnB, só restou ao deseducador com méritos de aio doméstico, recrutado pela ditadura para liquidar a Universidade de Brasília, pôr-se a procurar não quadros de reposição, que não existiam, mas quem se animasse a simular competências mínimas para continuar ditando os cursos interrompidos, diante de estudantes perplexos. A história posterior é o do passo da claudicação acadêmica à repressão policial que submeteu a UnB ao regime castrense que ela sofre até agora.¹

Essa visão, transmitida como de 'pai para filho' – por Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e outros tantos para professores e alunos da UnB – ficou evidente quando da destituição de 15 professores, em 1965, que segundo Ribeiro (1995) ficou conhecido como “o episódio histórico: *o dia da diáspora*.”²

Apesar disso a UnB sobreviveu. Invasa em outras ocasiões (1968, 1977 e 1984) por militares, permaneceu firme, tendo como exemplos Darcy, Anísio e tantos outros.

QUESTÕES ATUAIS NA OBRA DO EDUCADOR ANÍSIO

Exemplificando a atualidade das questões analisadas por Anísio podemos resgatar duas questões que são amplamente debatidas nas salas universitárias: a primeira se encontra no contexto da mediação do conhecimento e na relação professor-aluno; a segunda reside no seio da própria formação do educador.

A mediação de conhecimento e a relação discente-docente e as percepções quanto a esta temática são divergentes. O corpo discente clama pela proximidade e profundidade com o saber e a aplicabilidade deste em sua realidade social. Faz-se mister lembrar que já Anísio apontava essa situação. Em seu livro *Ensino superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969*, deixava claro as dificuldades que ainda hoje são motivo de queixa e revolta entre os discentes: “Entre professor e aluno há um *gentleman's agreement* de que nada pode perguntar que não tenha ensinado, significando ensinado que tenha *dito* em aula. Esta é, na maior parte dos casos, a função docente e o modo de exercê-la.”

Anísio foi ao cerne da questão: alunos calados, ou melhor, amordaçados pela exigência ou *gentleman's agreement*. Este “acordo de cavalheiro” entre professor e aluno tem sido chamado 'nos corredores' universitários de pacto da mediocridade. Professores ensinam – ou tentam, pois muitas vezes ficam apenas na superfície – e alunos fingem que aprendem, ou pelo menos tentam.

Nesse estado de letargia, qual seria a percepção dos professores do seu alunado? Como estes os encarariam? Anísio retratou o que percebia em sua prática:

A verdadeira tipologia do estudante superior não é fácil de estabelecer: há o estudante com vocação real para o estudo, nas suas variantes de artista ou boêmio, de intelectual e de político ativista; o estudante sério, que quer passar nos exames; o estudante preocupado com a carreira; e o estudante desinteressado dos estudos, nos dois tipos - o esforçado, para cumprir as exigências da família, e o vadio. Mas essa tipologia é mais a tipologia dos jovens do que a do estudante. A realidade é que a juventude que chega à escola superior é suficientemente heterogênea para se distribuir por todas essas variedades. O que lhe dá categoria de grupo social é o sentimento de privilégio que lhe vem de ter chegado ao ensino superior; mas, veja se bem, não é o de que pertença cada jovem ao grupo economicamente privilegiado da nação. A grande maioria é economicamente modesta e proveniente, em grande parte, da classe média média e da pequena classe média. Os estudantes da classe abastada devem estar em escolas privadas ou em algumas públicas de reconhecido prestígio social. O grupo, como um todo, não é um grupo de jovens socialmente privilegiados. A sua categoria de privilégio está restrita ao fato de serem poucos os estudantes de ensino superior. Evidentemente, são raros os de classes operárias ou baixas.

Superou-se essa tipologia passados já mais de 50 anos? Arrisco a pensar que essa situação, apesar de ter sido um dos focos de seu pensamento na década de 60 ainda continua muito atual. Percebe-se hoje, assim como quando Anísio escreveu aquele

1 RIBEIRO, Darcy. A Invenção da Universidade de Brasília 1961-1995. Op. Cit., p.148.

2 RIBEIRO, Darcy. A Invenção da Universidade de Brasília 1961-1995. Op. Cit., p.148, refere-se ao “dia em que 210 professores deixaram a Universidade de Brasília, a cidade, e a maioria deles o País”.

texto, uma extrema movimentação para modificar a universidade pública, gratuita. Em tempos de Estado-mínimo, passa pela mente de nossos dirigentes que esta tipologia, bem como a própria existência do *gentleman's agreement* [acordo de cavalheiro] – apesar de negada e encoberta – são motivos para privatizar, ou floreado o termo, “tornar a universidade mais competitiva”.

O segundo aspecto reside na formação universitária do educador. Anísio expressou-se sobre o mito da cultura geral:

Com efeito, entre nós, a idéia de cultura geral, em consequência de arcaico conceito medieval, implica sempre em cultura enciclopédica. A premissa longínqua é a de que a cultura é um todo, não só no sentido de unidade mas no sentido de algo completo. (...) Os currículos se fazem, então, cumulativos. Cada novo campo de estudo, cada nova ciência vem somar-se às demais. E não há acabar. Em medicina, em direito, em engenharia e nos cursos novos das faculdades novas, o ideal acalentado seria o de ensinar tôdas as matérias a todos os alunos. (...) O preparo de um professor de inglês faz-se em um curso onde se ensina tanta coisa que pouco tempo sobra para o inglês. O aluno sai um especialista em línguas anglo-germânicas, não sabendo essas línguas nem nenhuma das outras diversíssimas cadeiras e disciplinas que estuda ...

Por trás de tudo isto está o falso conceito de cultura geral e o arcaísmo medieval da cultura ser um todo ...

Será mesmo que nos seja impossível conceber a cultura especializada? Nos países civilizados, discute-se o problema de como proceder-se à especialização sem abandono completo da cultura geral. O nosso problema é o oposto. Será que não podemos cuidar um pouco do preparo do especialista?

Os cursos para especialistas são, por excelência, anti-enciclopédicos. Importam sempre na escolha de um campo maior de estudos, em que se despenda a maior parte do tempo do aluno, e em estudos menores ou acessivos, relacionados com o campo maior e necessárias para sua completa cobertura.¹

Neste contexto, Anísio vislumbrou uma formação superior diferenciada:

Nestes cem anos a ciência se desenvolveu de tal modo que já não é *the practical mind* que domina a cena mas *the specialized mind*. Como fazer que o especialista, agindo tantas vezes sobre campo que não conhece, não se faça força de ruptura mas de integração?

Êste parece-me o grande problema dos próximos anos. Como especializar o conhecimento e ainda assim dar ao especialista o conhecimento dos campos aliados que o seu saber vai modificar. Não é só o problema de estabelecer as conexões interdepartamentais e interdisciplinares, por certo, extremamente necessárias. É também o de dar ao especialista um conhecimento básico dos demais campos.

Esta será a tarefa de um novo mestre, o “generalista” dos conhecimentos em cada campo. Êste novo professor será, no futuro, tão importante quanto o especialista. Não é um filósofo, mas alguém que tenha, em seu campo, adquirido experiência tão grande e tão longa que esteja em condições de formular a parte essencial de seus conhecimentos que toca e atua em todos os demais campos. Êsse generalizador especializado será um dos homens-chaves da universidade de amanhã, fundada no saber especial mas preocupada com inseri-lo nos demais campos do saber especializado e no campo comum do uso desse saber.²

Anísio trazia á tona uma questão que hoje continua a permear os debates em torno da formação: como formar em um determinado campo do saber sem esquecer a diversidade cultural existente nos diversos outros? Essa e outras questões continuam a ser campo de profundo debate e reflexão.

PARA NÃO CONCLUIR...

Diversos educadores e pensadores se alimentaram do pensamento de Anísio Teixeira, apesar das duras décadas que sucederam ao período de repressão militar, que foi uma tentativa de apagar o passado educacional brasileiro. Com a redemocratização e a abertura política, podemos hoje revisitar a obra de Anísio Teixeira e dela reintroduzir nas discussões conceitos importantes. Apesar de ausente fisicamente, Anísio se faz presente em sua obra e em pensamentos produzidos como estes.

Podemos apontar Anísio Teixeira como verdadeiro político, se considerarmos que todo ato educativo é um ato político; filósofo da educação sem dúvida, visionário talvez, mas brilhante e equilibrado seriam os mais apropriados dos muitos adjetivos que poderiam ser atribuídos a este educador. Nas palavras, acertadamente colocadas por Delgado de Carvalho:

1 TEIXEIRA, Anísio. O mito da cultura geral no ensino superior. Boletim Informativo CAPES. Rio de Janeiro, n.41, 1956. p.1-2. (Biblioteca Virtual Anísio Teixeira site do Prossiga/CNPq).

2 TEIXEIRA, Anísio. A universidade americana em sua perspectiva. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.36, n.84, out./dez. 1961. p.48-60. (Biblioteca Virtual Anísio Teixeira site do Prossiga/CNPq)

Quando penso na obra de Anísio Teixeira convenço-me cada vez mais de que não é nos congressos de centenas de delegados, nem nos conselhos de dezenas de membros, nem mesmo nas comissões de três ou quatro técnicos que são delineados os grandes planos. É nas discussões em que o ascendente espiritual de um só, ouvindo e escolhendo as opiniões autorizadas, determinam as medidas decisivas. Não sei onde li, certa vez, um conceito de Emerson que dizia: 'Uma grande instituição não é, na realidade, senão a sombra prolongada de um homem'. Ora, a Secretaria da Educação do Distrito Federal com o seu Instituto de Educação e Escola de Professores, com o seu Instituto de Pesquisas Educacionais, com sua Universidade do Distrito Federal e outros departamentos, é uma grande instituição que ficará, na história da educação brasileira, como a sombra prolongada de Anísio Teixeira.¹

¹ CARVALHO, Delgado de. Anísio, Vulcão de Idéias. In: AZEVEDO, Fernando. Anísio Teixeira: Pensamento e Ação. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960, p.227.

REFERÊNCIAS

- BUFFA, Ester e NOSELLA, Paolo. *A Educação Negada: Introdução ao Estudo da Educação Brasileira Contemporânea*. São Paulo: Cortez Editora, 1991.
- CARVALHO, Delgado de. *Anísio, Vulcão de Idéias*. In: AZEVEDO, Fernando de. *Anísio Teixeira: Pensamento e Ação*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960.
- COUTO, Ronaldo Costa. *Memória Viva do Regime Militar Brasil 1964-1985*. Rio de Janeiro, Record, 1999.
- CÓRDOVA, Rogério de Andrade. *CAPES: Origens, Realizações, Significações (1951-2000)*. Brasília: 2000 (mimeo).
- CUNHA, Luiz Antônio e GÓES, Moacyr de. *O Golpe na Educação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- CUNHA, Célio. *Educação e Autoritarismo no Estado Novo*. São Paulo: Cortez Editora / Autores Associados, 1981.
- FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Atas da 15ª a 20ª Reunião do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília*, Brasília:1963.
- _____. *Ata da 22ª Reunião do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília*, em 04.06.1964
- _____. *Ata da 21ª Reunião Ordinária do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília* : em 13.01.1964
- _____. *Resolução do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília nº 55/64*.
- LIMA, Hermes. *Anísio Teixeira Estadista da Educação*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.
- PAIVA, Vanilda in LAGÔA, Ana. *A Utopia da educação pública*. Entrevista. *Jornal do Brasil On-Line*. Rio de Janeiro, 18 jul. 1999. Seção Empregos e Educação para o Trabalho. (Biblioteca Virtual Anísio Teixeira – Site do Prossiga/ CNPq)
- PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA(1962). Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1962.
- PÔRTO Jr, Gilson (Org.) *Anísio Teixeira e o Ensino Superior*. Brasília, DF: Editora Bárbara Bela, 2001.
- RIBEIRO, Darcy. *A Invenção da Universidade de Brasília 1961-1995*. Cartas: falas, reflexões, memórias. Brasília: Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, 1995.
- SALMERON, Roberto. *A Universidade Interrompida: Brasília 1964-1965*. Brasília: Editora da UnB, 1999.
- SILVA, Francisco de Assis. *História do Brasil*. São Paulo: Moderna, 1992.
- TEIXEIRA, Anísio. *Educação é um direito*. 2ªed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- _____. *1963: ano da educação*. Boletim Informativo CAPES. Rio de Janeiro, n.122, jan. 1963. p.1-2. (Biblioteca Virtual Anísio Teixeira – Prossiga / CNPq)
- _____. *Curso, estágio e seminário para formação do professor*. Entrevista. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 20 abr. 1958. (Biblioteca Virtual Anísio Teixeira – Prossiga / CNPq)
- _____. *Fazer de Brasília um modelo para a educação no País*. Entrevista. *Correio Braziliense*. Brasília, 21 jun. 1963. (Biblioteca Virtual Anísio Teixeira – Prossiga / CNPq)
- _____. *O ensino cabe à sociedade*. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.31, n.74, 1959. p.290-298. (Biblioteca Virtual Anísio Teixeira – Prossiga / CNPq)
- _____. *A Educação e a Crise Brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.
- _____. *Educação no Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1969.
- _____. *Educação não é privilégio*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.
- _____. *Ensino superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989.
- _____. *O mito da cultura geral no ensino superior*. *Boletim Informativo CAPES*. Rio de Janeiro, n.41, 1956. p.1-2. (Biblioteca Virtual Anísio Teixeira - Site do Prossiga/CNPq).

_____. A universidade americana em sua perspectiva. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.36, n.84, out./dez. 1961. p.48-60.(Biblioteca Virtual Anísio Teixeira - Site do Prossiga/CNPq)

TODOROV, Maria Sílvia Ribeiro. UnB: Evolução da Estrutura Acadêmica do Plano Orientador ao Estatuto de 1993. Brasília: CEDOC/UnB, 1993.

VICENTINO, Cláudio e DORIGO, Gianpaolo. História do Brasil. São Paulo: Scipione, 1997.

VILLALOBOS, João Eduardo Rodrigues. Diretrizes e Bases da Educação: Ensino e Liberdade. São Paulo: Pioneira Editora, 1969.

XAVIER, Libânia Nacif. Reformar a escola, modernizar a cultura: Anísio Teixeira e a Educação Republicana in PORTO JR, Gilson e CUNHA, José Luiz (Orgs.) *Anísio Teixeira e a Escola Pública*. Pelotas, RS: Editora da UFPel, 2000.

Recebido em setembro de 2012

Aprovado em outubro de 2012

Gilson Pôrto Jr. é pedagogo e mestre em Educação pela UnB, doutorando em Comunicação e Culturas Contemporâneas (FACOM-UFBA) e organizador das coletâneas Anísio Teixeira e a Escola Pública, publicadas pela editora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em 2000 e Anísio Teixeira e o Ensino Superior, publicado pela editora Bárbara Bela (Brasília) em 2001